

## REFLEXÕES SOBRE A INVISIBILIDADE DA MULHER NEGRA NA DIVULGAÇÃO NO LAZER SEXUAL DO COMPLEXO DE DIVERSÕES GUAICURUS EM BELO HORIZONTE/MG

Rafael Rodrigo dos Santos

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem o intuito de realizar uma reflexão sobre a invisibilidade da mulher negra em peças gráficas de design e a participação dessas mulheres no ambiente de lazer destinado a práticas sexuais no Complexo de Diversões Guaicurus. Buscamos apresentar a divulgação do sexo, no espaço de lazer, de uma grande zona de prostituição na capital mineira. As ferramentas de análise escolhidas para realizar a presente pesquisa foram as técnicas e elementos visuais do design (MUNARI, 2006). As peças gráficas de design analisadas foram registradas nos estabelecimentos de sexo da região da Rua dos Guaicurus em Belo Horizonte - MG, no período compreendido entre os meses de setembro/2019 e janeiro/2020. Assim, para realizar as reflexões, acionamos Joice Berth (2018) a fim de articular os conceitos de poder e empoderamento com a proposta temática; e Patricia Hill Collins (2019) que apresenta o Pensamento Feminista Negro para corroborar com a análise sobre as representações feitas das mulheres no serviço sexual, sobretudo, a mulher negra no Brasil. Ao final do estudo, percebeu-se que é quase nula a representação da mulher negra em peças gráficas encontradas na região da Guaicurus. À luz das autoras citadas e da análise dos dados foi possível perceber que a divulgação do sexo, como é realizada nessa região, colabora com o apagamento do corpo negro na comunicação visual e confirma estereótipos que estigmatizam as mulheres.

**Palavras-chave:** Atividades de Lazer. Trabalho Sexual. Comunicação. Minorias Étnicas e Raciais.

## REFLECTIONS ON THE INVISIBILITY OF BLACK WOMEN IN THE SEXUAL LEISURE OF THE GUAICURUS AMUSEMENT COMPLEX IN BELO HORIZONTE/MG

### Abstract:

This article aims to reflect on the invisibility of black women in graphic design pieces and the participation of these women in the leisure environment dedicated to sexual practices at the Guaicurus Amusement Complex. We seek to present the dissemination of sex, in the leisure space, of a large prostitution area in the capital of Minas Gerais. The analysis tools chosen to carry out this research were design techniques and visual elements (MUNARI, 2006). The graphic design pieces analyzed were registered in sex establishments in the Rua dos Guaicurus region in Belo Horizonte - MG, in the period between September/2019 and January/2020. Therefore, to carry out the reflections, we used Joice Berth (2018) in order to articulate the concepts of power and empowerment with the thematic proposal; and Patricia Hill Collins (2019) who presents Black Feminist Thought to corroborate the analysis of the representations made of women in sexual services, especially black women in Brazil. At the end of the study, it was realized that there is almost no representation of black women in graphic pieces found in the Guaicurus region. In light of the authors mentioned and the data analysis, it was possible to see that the disclosure of sex, as it is carried out in this region, contributes to the erasure of the black body in visual communication and confirms stereotypes that stigmatize women.

**Keywords:** Leisure Activities. Sex Work. Communication. Ethnic and Racial Minorities.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos do Lazer (UFMG). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade (NEPGRES/IFMG), do Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social (NAPrática/UFMG) e do Laboratório de Pesquisa sobre Formação e Atuação Profissional em Lazer (Oricolé/UFMG). E-mail: [multirafa@gmail.com](mailto:multirafa@gmail.com)

## REFLEXIONES SOBRE LA INVISIBILIDAD DE LAS MUJERES NEGRAS EN EL OCIO SEXUAL DEL COMPLEJO DE DIVERSIÓN GUAICURUS EN BELO HORIZONTE/MG

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la invisibilidad de las mujeres negras en las piezas de diseño gráfico y la participación de estas mujeres en el ambiente de ocio dedicado a prácticas sexuales en el Complejo de Diversiones Guaicurus. Buscamos presentar la difusión del sexo, en el espacio de ocio, de una gran zona de prostitución en la capital de Minas Gerais. Las herramientas de análisis elegidas para realizar esta investigación fueron técnicas de diseño y elementos visuales (MUNARI, 2006). Las piezas de diseño gráfico analizadas fueron registradas en establecimientos sexuales de la región de la Rua dos Guaicurus, en Belo Horizonte - MG, en el período comprendido entre septiembre/2019 y enero/2020. Por ello, para realizar las reflexiones utilizamos a Joice Berth (2018) con el fin de articular los conceptos de poder y empoderamiento con la propuesta temática; y Patricia Hill Collins (2019) que presenta Pensamiento Feminista Negro para corroborar el análisis de las representaciones que se hacen de las mujeres en los servicios sexuales, especialmente de las negras en Brasil. Al final del estudio se constató que casi no existe representación de mujeres negras en piezas gráficas encontradas en la región de Guaicurus. A la luz de los autores mencionados y del análisis de los datos, fue posible ver que la revelación del sexo, tal como se realiza en esta región, contribuye para la eliminación del cuerpo negro en la comunicación visual y confirma estereotipos que estigmatizan a las mujeres.

**Palabras clave:** Actividades de ocio. Trabajo sexual. Comunicación. Minorías étnicas y raciales.

### Introdução

As práticas sexuais são capazes de dar aporte para um tipo de vivência de lazer perpassada por fruições e interações sociais em que são gerados poderosos momentos para os desejos, imaginações, bem-estar e prazer. Entretanto, acreditamos também que as relações culturais que envolvem as práticas sexuais permitem enxergar um lazer constituído de diferentes formas, seja pelo espaço natural, geográfico e pela sociedade.

Um estudo de Flávio Bezerra da Silva (2011), afirma que as mulheres que desempenhavam tais atividades na antiguidade, como registra o Lupanar de Pompéia<sup>2</sup> um resquício no século I d.C., eram superestimadas e valorizadas por seus serviços. Em outrora na Idade Média, diferente do período grego, nas cidades europeias, os serviços sexuais eram realizados em prostíbulos. Essas casas de prostituição se tornam comuns, conhecidas popularmente como bordéis. Nesses locais havia a presença de mulheres exercendo atividades sexuais como forma de escambo, infringindo o tabu da Igreja, o que contribuiu para a desvalorização do corpo das prostitutas e assim, elas passaram a carregar um estigma negativo, além de infringir o tabu da Igreja católica ao praticarem fornicção (RICHARDS, 1993).

---

<sup>2</sup> Prostíbulo encontrado na cidade de Pompéia, na Roma Antiga.

Nesse sentido, Victor Andrade de Melo (2003) em “Lazer e Minorias Sociais”, descreve que no Brasil a prostituição é identificada a partir do final do século XIX, marcada pela criminalização e reprimida com o uso da violência, a fim de manter a ordem e a moral pública. No estudo, Melo (2003) aponta que as relações sexuais realizadas entre homens e mulheres, na Vila Mimosa no Rio de Janeiro, consistiam em programas objetivos e simples. Esse tipo de ato, rápido e impessoal, era oferecido em locais estigmatizados dentro da cidade como: guetos ou zonas boêmias. Esse mesmo tipo de cenário é perceptível na capital mineira, a qual iremos nos debruçar neste estudo.

O imaginário que propagou a zona boêmia em Belo Horizonte/MG surgiu a partir da rua Guaicurus, destinada a socialização e ao consumo do prazer desde os primeiros anos da cidade<sup>3</sup> e resiste até os dias atuais, conhecida historicamente pela concentração de locais direcionados ao comércio sexual (GÓES, 2017). Atividade lasciva, reconhecida como momento de lazer, exercidas por aqueles que estão na busca incontida de volúpia.

Para este estudo, o lazer é considerado como momentos de diversão, experienciados por indivíduos durante manifestações culturais no tempo/espaço social que buscam os serviços sexuais oferecidos - representa grande parcela do mercado comercial e de serviços, tanto no turismo quanto no entretenimento (SANTOS; 2021).

Na região que também é chamada de “Sobe e Desce”, “Complexo de Diversões Guaicurus” ou simplesmente “Guaicurus”, existem mulheres do município e outras regiões do Brasil, que trabalham em quartos alugados nos hotéis de sexo da região central da capital mineira (SANTOS; EUGENIO, 2020).

Em 2021, a dissertação de mestrado intitulada *“Complexo de Diversões Guaicurus: análise do design em peças gráficas de divulgação do lazer sexual na capital mineira”* teve como objetivo direcionar as análises do *design*<sup>4</sup> nas peças gráficas encontradas nos estabelecimentos de sexo que compõe a tradicional zona de prostituição da Guaicurus (Belo Horizonte, MG). No recorte definido pelo autor entre setembro de 2019 e janeiro de 2020 foram encontrados e mapeados 38 locais de temáticas sexuais: 32 hotéis de sexo (sendo que três estavam fechados e um a ser inaugurado), 3 lojas de artigos eróticos, 2 cinemas e 1 cabine erótica (esses três fazendo exibição de filmes pornográficos) (SANTOS, 2021).

Além de identificar indícios de atrações visuais em peças gráficas na promoção do lazer

---

<sup>3</sup> “A configuração dessa rua tal qual é hoje, é oriunda da construção da cidade em 1897, quando a região era repleta de clubes festivos e cabarés, sendo considerada a principal zona boêmia da capital mineira [...] frequentada apenas por homens pertencentes à elite de Belo Horizonte.” (SANTOS; EUGENIO, 2020, p. 374)

<sup>4</sup> Design é uma área relativa ao ordenamento estético-formal de elementos, símbolos e formas com ou sem a presença textual que são capazes de compor peças gráficas destinadas à reprodução com objetivo visivelmente comunicacional (MUNARI, 2006).

sexual, Santos (2021, p. 154 e 155) identifica que “a presença de determinadas formas, signos (...) e a imagem da mulher são representadas com o intuito de estimular a atenção do público frequentador dos locais que oferecem serviços e produtos sexuais”.

Dentre as possibilidades apontadas de continuidade de estudo, Santos (2021) reflexiona: “o que nos intriga é a percepção e o reconhecimento dessas mulheres quando são representadas em peças gráficas fabricadas para a divulgação do trabalho como lazer sexual” (p. 156). Mas de quais mulheres estamos falando? Quais mulheres estão sendo representadas? E como?

Diante desses questionamentos, este artigo<sup>5</sup> consiste em uma reflexão sobre as peças gráficas e as representadas no ambiente de lazer destinado às práticas sexuais no Complexo de Diversões Guaicurus em Belo Horizonte/MG.

### **Zona do prazer: território de Lazer Sexual**

A prostituição pode ser compreendida como uma troca de sexo por dinheiro. Porém, essa ocupação também pode ser compreendida como a realização de outras atividades que não apenas o ato sexual, como: A sedução do cliente, realização de fantasias, conversas (bate-papo), entre outras que não necessariamente incluem o sexo.

O acontecimento da prostituição é marcado pela heterogeneidade em espaços da cidade (vias públicas, hotéis, casas noturnas, motéis), seja em ambientes abertos e fechados, podem apresentar intempéries diversas, além de violências e outros riscos (BARRETO; PRADO, 2010).

Logo, a prostituição e o ato de prostituir-se podem manifestar diversas práticas, significados e identidades marcadas pela ilegalidade e a ausência de regulamentação. Isso pode acarretar na desvalorização profissional e em dificuldades da inclusão social dos atuantes. Apesar de não ser regulamentada, a ocupação "profissional do sexo" foi reconhecida em 2002 pelo Ministério do Trabalho e Emprego e figura na Classificação Brasileira de Ocupação (CBO)<sup>6</sup>. Sendo assim, se enquadram nessa classificação, aquelas que realizam a prestação de serviços sexuais, que atendem por meios consensuais remunerados, que acompanham clientes para fins sexuais de luxo ou de subsistência (livre, ainda que motivada por causas econômicas).

---

<sup>5</sup> Artigo produzido a partir da dissertação de mestrado "Complexo de Diversões Guaicurus: análise do design em peças gráficas de divulgação do lazer sexual na capital mineira", defendida no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

<sup>6</sup> BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). **Classificação Brasileira de Ocupações: CBO – 2010**. 3. ed. Brasília: MTE, SPPE, 2010. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/CLASSIFICA%C3%87%C3%83O-BRASILEIRA-DE-OCUPA%C3%87%C3%95ES-MEC.pdf> Acesso em: 05 maio 2022.

Ao realizar a revisão bibliográfica para o levantamento do Estado da Arte do tema, identificamos poucas publicações específicas sobre a prostituição e lazer. Melo (2003) já sinalizava que tal possibilidade de pesquisa/atuação não vinha sendo considerada usualmente em nossa área de conhecimento, apontando uma deficiência na produção teórica em geral sobre o assunto.

Em 2014, no 1º Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer | XV Seminário “O Lazer em Debate”, Giuliano Pimentel, publicou sobre Pornolazer na Sociedade Contemporânea. No texto, o autor - apoiado por caminhos em que a centralidade conceitual é o lazer desviante, ilícito, anormal, patológico e não-usual – considera a prostituição como pornolazer criminalizado, “fracionado em campos diferentes de legalidade, legitimidade e visibilidade” (p. 284).

Acreditamos que este caminho é conflituoso, uma vez que, no Brasil a prostituição não é crime, tampouco configura uma violação às leis do país. Não é ilegal manter um estabelecimento para prostitutas exercerem sua profissão, desde que, elas não sejam forçadas ou estejam em situação de vulnerabilidade. O delito acontece quando a prostituição se torna uma via para a exploração sexual. Considerando esse pensamento, concordamos com José Alfredo Debortoli na seguinte consideração

O Lazer, mais que um conceito ou objeto, é tomado como um processo, como uma maneira de viver, subvertendo uma lógica objetivada e instrumental da modernidade, que toma o Lazer como experiência social secundária, compensatória ou projeto de futuro. Ao contrário, para compreender a prática social, proponho enfatizar a arte, o corpo, a co-responsabilidade e sensibilidade com a vida e com o mundo na centralidade das relações (DEBORTOLI, 2012, p. 3).

Santos (2021) trabalhou com a compreensão do lazer a partir de um trabalho realizado na área da Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) que o aborda enquanto expressão de prazer, divertimento e relaxamento, encontrando na sexualidade uma reunião de interesses que levam o indivíduo a consumir os atos de formas satisfatórias (SILVA, 2011). Desse modo, os locais de lazer sexual (além dos hotéis de sexo) existentes no Complexo de Diversões Guaicurus, são complementados por: cinemas pornô, cabines sexuais, saunas, lojas de artigos eróticos e motéis.

Os movimentos dos serviços sexuais compreendidos como equipamentos de lazer dentro de um centro urbano, como Belo Horizonte, são invisibilizados pela sociedade. O lazer sexual, que pode passar despercebido, funciona como evasão para as inquietações sociais que envolvem a moralização do sexo, a quebra de normas e compromissos como a monogamia ou a

heterossexualidade padrão, entre outros. O apagamento deste no espaço público corrobora com os indivíduos que querem experienciar interações sexuais sem compromissos (SILVA, 2011). E a moralidade existente em torno do sexo contribui para a estigmatização das mulheres e a desvalorização dos seus corpos. Assim, ao discutirmos o lazer sexual e seus atravessamentos, “precisamos construir concepções próprias, contextualizadas, problematizadoras, críticas, criativas e alternativas sobre o tema” (GOMES; ELIZALDE, 2014, p. 126).

### **Mulheres Trabalhadoras do Sexo: cisgênero (cis), transgênero (trans) e travestis**

Para Luciana Andrade e Alexandre Eustáquio Teixeira (2004), as regiões que aglomeravam as atividades sexuais e divertimento eram conhecidas como *zonas*. Em Belo Horizonte, o começo das atividades de sexo profissional teve dois momentos importantes na história do trabalho sexual brasileiro<sup>7</sup>: a chegada de mulheres estrangeiras e a perseguição à mulher trabalhadora do sexo. O embranquecimento dos bordéis no Brasil iniciou-se pela chegada de mulheres europeias em 1867, fossem elas francesas, polonesas e de outras nacionalidades. O que os estudos apontam é que essas mulheres vieram seduzidas pelo potencial do comércio sexual brasileiro: a atividade não era ilegal e era tolerada. Essas mulheres se tornaram as grandes atrações artísticas dos bordéis (ANDRADE; TEIXEIRA, 2004).

Antes de falarmos propriamente sobre as trabalhadoras do sexo na cidade de Belo Horizonte, destacamos dois pontos que ilustram o surgimento da profissional do sexo no Brasil e a posição ocupada pela mulher negra após abolição da escravatura em 1888 (SENADO, 2008). É importante considerar que a abolição acontece no período próximo a idealização da capital mineira, fundada em 1897. Prechet (2020) pontua que a dinâmica da prostituição no final do século XIX era escravizada, devido à presença de mulheres "brasileiras" negras e pardas "caídas na prostituição":

Se por um lado as prostitutas estrangeiras, mesmo que mal faladas por certos sujeitos da sociedade que não concordavam com a prostituição, tinham liberdade e o direito ao comércio de seu corpo colocados como um problema social, as prostitutas negras, além de serem atacadas por conta da prática do meretrício, precisavam ainda lidar com a vigência da escravidão, o racismo científico e com a ideia de que seus corpos representavam uma ameaça sanitária devido à crença de que negros eram desprovidos de qualquer senso moral e que por isso prejudicavam o desenvolvimento nacional (PRECHET, 2020, p. 68 e 69).

Mônica Oliveira (2008) afirma que a origem da prostituição ocorreu majoritariamente nos

---

<sup>7</sup> Durante o período recorte definido para esta pesquisa, não foram encontrados estabelecimentos que tivessem a presença do homem como profissional do sexo, no qual pudesse oferecer serviço nos hotéis de sexo.

trabalhos escravos e atividades domésticas, estando essa origem atrelada à luta pela emancipação da mulher e sua inserção no mundo do trabalho. O florescimento da prostituição ocorreu após a revolução industrial, através da formação de aglomerações urbanas e nos redutos de pobreza. No Brasil, durante o século XIX, a maioria das prostitutas era mulheres negras escravas:

Tal como acontecia com as meninas conchavadas em Buenos Aires, para as escravas no Rio de Janeiro a prostituição se misturava a uma variedade de serviços domésticos. (...) Mesmo depois da abolição da escravidão, nos primeiros anos do regime republicano, ainda se podiam encontrar, nas mesmas ruas do centro do Rio, jovens baianas e afrodescendentes às janelas e portas de suas casas. Mas a essa altura essas janelas eram cada vez mais disputadas com as prostitutas brancas e estrangeiras, que passavam a ser vistas como vítimas e escravas de outros senhores irresponsáveis, os proxenetes (OLIVEIRA, 2008, p. 15).

Juliana Góes (2017) considera que outro perfil, diferente das mulheres europeias, era contracenado com as mulheres negras, que tinham *status* de objeto nas cidades brasileiras, devido à exploração sexual sofrida durante o escravismo que perdurou após esse período. A autora comenta que:

a prostituição – enquanto trabalho escolhido – não existia, e sim a exploração sexual, que costumava vir junto com a exploração do serviço doméstico. A mulher negra era frequentemente assediada e estuprada pelo homem branco, que a via como alguém que deveria servi-lo tanto limpando a casa quanto “acalmado” os seus impulsos sexuais. Além disso, era comum que estes fossem donos de prostíbulos, nos quais usavam as mulheres negras como forma de arrecadação de dinheiro (o tráfico de tais mulheres para o comércio sexual também era normal neste período). Mesmo após a abolição, às mulheres negras continuaram sendo impostos os serviços que elas faziam quando escravizadas, sendo que elas representam hoje a maior parte das profissionais do sexo do Brasil (GÓES, 2017, p. 64).

O início do trabalho sexual no Brasil, teve maior representatividade no Rio de Janeiro e, em pouco tempo, mulheres de diversas localidades do país ingressaram neste ramo para fins profissionais e de sobrevivência (OLIVEIRA, 2008). Abaixo, Prechet (2020) afirma que:

os negros eram inaptos ao trabalho e por isso degenerados moralmente, que eles carregavam em si a inferioridade, a imoralidade, a incapacidade intelectual, bem como a impossibilidade de civilizar-se. Essas teorias tiveram como expoente a eugenia, que consistia em impedir que as raças classificadas enquanto inferiores se reproduzissem (SCHWARCZ, 1993: p.58). Por isso a relação sexual, principalmente entre mulheres negras e homens brancos, era considerada tão perigosa e se fazia, portanto, necessário e urgente impedir a prostituição de escravizadas para que assim tais relações fossem evitadas. Essas afirmações contribuíram para que tanto médicos quanto policiais vissem na prostituição de mulheres negras a fonte de todos os vícios que se precisava combater, porque as enxergando enquanto imorais e com uma sexualidade exacerbada (ABREU, 2004), colocavam-nas como alvo principal de suas ações para acabar com o meretrício (p. 69).

Após esse panorama nacional, percebemos que os pressupostos vinculados aos ideais higienistas, no contexto das expectativas da construção da cidade, como o caso da região da Guaicurus em Belo Horizonte, as prostitutas foram consideradas como ameaças para as construções morais da *boa família* e responsabilizadas pela disseminação de doenças sexualmente transmissíveis. Considerando a contribuição teórica de Guimarães e Merchan-Hamann (2005), o modo de representação da mulher trabalhadora sexual atribui características transgressoras:

Não obstante, o reflexo resultante da conjugação desses fatos históricos trouxe a consolidação de um senso comum em que a prostituta passou a ser representada como sendo uma mulher desprovida de alguns traços mais distintivos do gênero feminino. É como se nela estivesse incorporada uma anomalia no sistema de gênero: a mulher que possui uma maneira peculiar de exercer a sua sexualidade, ou seja, o faz de forma pública é desprovida de laços afetivos e, pelo fato de experimentar o sabor da transgressão sexual, não é merecedora da vivência conjugal, familiar e, sobretudo, da maternidade (GUIMARÃES; MERCHAN-HAMANN, 2005, p. 530).

A partir deste breve contexto, percebemos que a identidade social da mulher foi responsabilizada pela construção de estigma e respostas sociais de discriminação e preconceitos em relação ao exercício do trabalho sexual (GUIMARÃES; MERCHAN-HAMANN, 2005). Mesmo com tanta desvalorização, a imagem da mulher prostituta está presente no imaginário da sociedade, e se manifesta nas mais variadas representações artísticas (novelas, romances, teatros, pinturas etc.) e em peças gráficas com o intuito de ilustrar e/ou transmitir mensagens visuais.

Culturalmente, as normas heteronormativas<sup>8</sup>, junto às distinções impostas pelas instituições sociais, abrangem diversas categorias existentes no cotidiano de um ser, como por exemplo, a identificação de gêneros distintos e definidos em uma relação entre seus pares. Os argumentos biológicos, políticos e religiosos são usados para determinar padrões a serem seguidos por toda sociedade. As principais vítimas da ideologia heteronormativa são as mulheres heterossexuais cis e a comunidade LGBTQI+. A norma heterossexual tem a definição habitual e diluída em sociedade (SILVA; OLIVEIRA, 2016).

Entendemos que as condições de normalidade da heteronormatividade precisam ser problematizadas no entorno das questões sociais, culturais, políticas e de lutas. No entanto, acreditamos que no âmbito das perspectivas da prostituição, as teorias e significações são

---

<sup>8</sup> “A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade. De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biológica e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho” (PETRY; MEYER, 2011, p. 195).



suficientemente compreendidas com o envolvimento de gênero<sup>9</sup> e de sexualidade<sup>10</sup> (PETRY; MEYER, 2011). Sendo assim, Petry e Meyer (2011) consideram que o gênero enquanto organizador da cultura em articulação com a sexualidade, atravessa a heteronormatividade da sociedade, fazendo com que os corpos de homens e mulheres possam se apresentar de diferentes formas e contribui para que as relações interpessoais possam se constituir.

Andrade e Teixeira (2004) ressaltam que na Rua Guaicurus, onde estão abrigados estabelecimentos sexuais há mais de um século, não há registros da existência de casas ou até mesmo pontos de prostituição masculina até os anos de 1960. Entretanto, há registro do personagem *Cintura Fina*, que foi um frequentador da zona boêmia da cidade no ano de 1953. Conhecido pela sua valentia e habilidades com o uso da navalha, foi figura conhecida em Belo Horizonte por se envolver em ações criminosas e brigas com os frequentadores da zona<sup>11</sup>. Os traços efeminados de *Cintura Fina*, que também foi retratado na minissérie *Hilda Furacão*, não configura envolvimento nos serviços sexuais.

Nos anos de 1970 percebe-se o aparecimento das primeiras travestis<sup>12</sup> e transexuais<sup>13</sup>, no comércio do sexo em Belo Horizonte, quando a prostituição de rua é intensificada na região e nas proximidades. Os programas aconteciam em hotéis (pousadas) de alta rotatividade ou nos carros dos clientes, porque muitos dos motéis não aceitavam a presença das travestis, por carregarem o estigma de violentas e causadoras da desordem (ANDRADE; TEIXEIRA, 2004).

A pesquisa realizada por Góes (2017) com 304 profissionais do sexo da região da

---

<sup>9</sup> “Remete a todas as formas de construção social, cultural e linguísticas implicadas com processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e nomeando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade” (PETRY; MEYER, 2011, p. 195).

<sup>10</sup> “O processo de redefinição e ressignificação das práticas e comportamentos abertos pela transformação da sexualidade em uma qualidade do eu abriu caminho à diversidade sexual crescente e promoveu o pluralismo, a partir de meados do século 20. Práticas antes consideradas perversões são ressignificadas e realocadas, como uma preferência entre outras, enquanto expressões da sexualidade.” (RODRIGUES, 2009, p. 69)

<sup>11</sup> Em entrevista *Cintura Fina* aponta que “A defesa natural começou derivada do ambiente que eu vivia. Mas eles me encaravam mais por ignorância, porque aqui eu fui o primeiro pederástico da zona (...) eu procurava me defender da melhor maneira possível” (ANDRADE; TEIXEIRA, 2004, p. 147).

<sup>12</sup> As travestis, diferentemente, são pessoas “[...] que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero”. JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: [s.n.], 2012. Disponível em: <http://www.diversidadese sexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf> Acesso em: 08 ago. 2020.

<sup>13</sup> “Transgênero (que, às vezes, é abreviado para “trans”) é um termo genérico utilizado para descrever uma ampla gama de identidades – incluindo pessoas transexuais, travestis, pessoas que se identificam como terceiro gênero ou outros termos não binários, e outros, cujas aparências e características são percebidas como atípicas do gênero. Mulheres trans identificam-se como mulheres, mas foram, ao nascer, classificadas como sendo do sexo masculino. Homens trans sentem-se como homens, mas foram definidos como possuindo o sexo feminino quando nasceram. Algumas pessoas trans passam por cirurgias ou tomam hormônios para colocar seu corpo em harmonia com sua identidade de gênero, outras não. Pessoas trans podem ter qualquer orientação sexual, incluindo heterossexual, homossexual, bissexual e assexual” Páginas Trans - Projeto Transformação. Nações Unidas no Brasil, 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2019/01/WEB-P%C3%A1ginas-Trans-FINAL.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020.

Guaicurus durante o ano de 2016, identificou que 66,45% das mulheres se declaravam negras (pretas ou pardas); mais de 50% das entrevistadas tinham entre 18 e 30 anos de idade; das que responderam à pesquisa a respeito da identidade de gênero, 2,96% se consideravam travestis, 1,64% transgênero (feminino ou masculino) e 90,13% feminino (cisgênero); a pesquisa ainda apontou que 41,12% das entrevistadas tinham escolaridade concluída no ensino médio; e mais de 28% não moravam na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), eram de outras cidades.

Durante a pesquisa em campo no Complexo de Diversões Guaicurus na capital mineira, Santos (2021) identificou hotéis exclusivos de trabalhadoras sexuais mulheres (cis, trans e/ou travestis). A presença da identidade masculina enquanto profissional do sexo, entretanto, é inexistente na condição de homens *fazendo programa* nos estabelecimentos visitados.

Para Freitas (1985), fazer programa é o ato compreendido pela negociação do sexo enquanto atividade profissional - como o tempo a ser realizado, o valor cobrado e o tipo de serviço a ser feito – controle da interação com o cliente, a prática sexual, entre outros. Contudo, o serviço sexual não é a venda do corpo da mulher: é “uma mulher que aluga seu corpo para jogos sexuais sem amor” (BRAGA, 1982, p. 62). Afinal, quando se vende o corpo este passa a pertencer a quem o comprou. A atividade profissional consiste em alugar os serviços sexuais por um tempo breve até que se tenha a satisfação de cada cliente (SZTERENFELD, 1992).

Observamos que os valores cobrados por profissionais do sexo pelos seus serviços nos hotéis que compõem o Complexo de Diversões Guaicurus em BH/MG tendem a ser maiores no período diurno (no que diz respeito ao número de atendimentos), com duração curta entre 5 (cinco) à 10 (dez) minutos e os preços variam entre R\$ 15,00 e R\$ 80,00 (aproximadamente US\$ 3,00 e US\$ 15,00). Em uma das visitas realizadas a campo entre os meses de setembro/2019 e janeiro/2020, tivemos uma conversa informal com uma mulher cis branca, trabalhadora sexual, da região supracitada, e a mesma nos revelou que os seus ganhos mensais chegavam a R\$ 2.800,00 por mês (aproximadamente US\$ 530,00). Além disso, essa profissional concluiu que ganhava muito mais sendo “puta” do que atuando como técnica em enfermagem, sua formação profissional.

Outros dados são apontados no estudo feito por GÓES (2017) para melhor identificar o perfil das trabalhadoras sexuais, como o fato de muitas serem mães (60,53%), solteiras (84,78%) e mães solteiras (51,31%). 49,16% veem a atividade sexual como trabalho como qualquer outro. A pesquisa apontou ainda aquelas mulheres que alugam quartos nos hotéis do sexo no Complexo de Diversões Guaicurus, vindas de outro estado, município ou até mesmo

sendo de Belo Horizonte, que fazem o uso de nomes falsos para que seus familiares não descubram sua ocupação e para que se diminua a possibilidade de serem reconhecidas socialmente. O fato dos hotéis de sexo funcionarem no período matutino e vespertino possibilita às mulheres dizerem às suas famílias e seus conhecidos que exercem outra profissão<sup>14</sup>, já que podem atender seus clientes no período das 8h às 18h, de segunda a sábado (BARRETO, 2008).

Barreto (2008) buscou compreender diferentes formas de hierarquização social e como estas têm sido politizadas e enfrentadas por prostitutas. Na compressão da pesquisadora, a prostituição é uma prática marcada pela localização, pessoas, marcadores sociais (raça, classe, geração e gênero), regras e representações aspectos esses que interferem diretamente na formação da identidade das prostitutas.

Acerca das análises objetivas da pesquisa da qual se desdobra esse artigo, consideramos importante destacar que dentro do período estabelecido para catalogação e registro das peças gráficas, de setembro/2019 a janeiro/2020, encontramos apenas uma peça com a representação de mulher negra em aparatos físicos com o propósito de comunicação visual<sup>15</sup>. Apesar de não representar a promoção do trabalho sexual realizado por mulheres, a peça pode despertar desejos dos receptores que a veem e, indiretamente, pode levar ao consumo do lazer sexual, não só em estabelecimentos que não possuam a presença de uma profissional do sexo, mas por estar concentrado na região onde há procura por hotéis de sexo.

Imagem 1 – Cabines Bar



Fonte: Arquivo Pessoal, 12/2019.

---

<sup>14</sup> “A vida dupla” é uma estratégia das mulheres para fugirem da *putafobia*. Esta ideologia dissemina a ideia de que as mulheres que vendem serviços sexuais devem ser punidas, castigadas e repreendidas e, para evitarem estas violências, é que as mulheres escondem a sua profissão” (GÓES, 2017, p. 74).

<sup>15</sup> Para Munari (2006) a comunicação visual é aquela que utiliza elementos visuais como forma de linguagem, como: símbolos, desenhos, fotos, figuras, imagens, gráficos, vídeos, entre outros.

A imagem 1 apresenta de uma plotagem em uma das portas do estabelecimento *Cabines Bar*<sup>16</sup>, localizado na Rua São Paulo, nº 151 do Complexo de Diversões Guaicurus da cidade de Belo Horizonte. Ao analisar a imagem, feita a partir da computação gráfica<sup>17</sup>, considerando o que é visto, notamos na parte superior a presença de um retângulo em cor preto que contém escrito em fonte em letras de forma com bordas brancas de espessura fina e preenchimento em cores o título *Vídeo Sex*. A palavra escrita em linhas retas “*Vídeo*” tem a estrutura inicial maior e apresenta redução ao final, é preenchida em cor verde petróleo (verde azulado) e possui baixa saturação (por ser uma cor mais sóbria), por outro lado, a palavra “*Sex*” tem seu preenchimento pelas sequências de cores vermelho e amarelo (consideradas o efeito *degradê*) e de mediana saturação (devido à mistura de cores expansivas). O plano de fundo (que diz respeito ao que é visível atrás do foco principal da peça gráfica) é identificado na cor azul atrás da representação da imagem de uma mulher preta.

Também faz parte da plotagem os números brancos “07” (correspondendo ao número da porta do estabelecimento *Cabines Bar*) por cima de um desenho/forma que não conseguimos identificar, mas transmite a sensação de movimento na arte gráfica, em tom mais claro (que o plano de fundo) da cor azul. Na parte inferior, próximo ao chão do estabelecimento, é visível na peça gráfica o retângulo preto com a referência da marca da produtora pornô *Sexxxy Porn*<sup>18</sup>.

Por fim, e não por ordem de visibilidade da imagem, temos a representação do corpo da mulher, de costas, vestida por um conjunto de biquíni na cor branca e com um dos seus seios à mostra. A mulher negra de cabelos lisos longos tem o seu rosto visível com um sorriso e revela sua tatuagem no braço esquerdo.

Por encontrarmos apenas esta peça gráfica na região do Complexo de Diversões Guaicurus da capital mineira no período da pesquisa de campo, por ser exposta na parte de dentro de um estabelecimento sexual em meio a diversas representações de mulheres brancas, consideramos que a imagem da mulher negra, mesmo que modelo/atriz de produções de gênero pornô, assim como profissionais de sexo, é minoritariamente representada nos estabelecimentos de temáticas sexuais do baixo centro de Belo Horizonte ou nulos no espaço público.

O corpo negro, que há décadas é representado na comunicação visual em posição de inferioridade social – como em telenovelas sendo escravo, empregado e até mesmo em

---

<sup>16</sup> Local destinado à transmissão de vídeos pornôs em cabines individuais.

<sup>17</sup> Arte feita a partir do uso de computador. (MUNARI, 2006).

<sup>18</sup> Não encontramos registros da marca no Instituto Nacional da Propriedade Industrial, mas consideramos como identidade da empresa por ser reconhecida no mercado internacional de vídeos pornográficos com representação no Brasil. Disponível em: <https://sexxxy.porn/> Acesso em: 13 ago. 2020.

comerciais de produtos de limpeza direcionados a serviços domésticos (mesmo que atualmente a representação negra tenha tido mais espaço na mídia), ainda é encontrado na publicidade exercendo o papel do negro invisibilizado (WINCH; ESCOBAR, 2012).

Por não serem nem brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca. Nós representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma. (...) Mulheres brancas tem um oscilante status, enquanto si mesmas e enquanto o “outro” do homem branco, pois são brancas, mas não homens; homens negros exercem a função de oponentes dos homens brancos, por serem possíveis competidores na conquista das mulheres brancas, pois são homens, mas não brancos; mulheres negras, entretanto, não são nem brancas, nem homens, e exercem a função de o “outro” do outro (RIBEIRO, 2016, p. 103).

Djamila Ribeiro (2016) percebe que a categorização da mulher é cambiante, as mulheres brancas podem ser vistas em alguns momentos e as mulheres negras são, por vezes, invisíveis e não são reconhecidas no *status* de mulher. Foi possível perceber tal afirmativa ao percorrermos o corredor do estabelecimento *Cabines Bar* e observar apenas uma porta com a imagem da mulher negra em meio a outras plotagens com a representação de mulheres brancas. Além disso, constatamos durante a visita a campo que mulheres cis brancas cobram valores superiores às mulheres pretas, trans e travestis no Complexo de Diversões Guaicurus. “A beleza é uma categoria branca, ou seja, pela lógica racista ela só é atribuída às mulheres brancas ou claras” (GÓES, 2017, p. 70). Mesmo ocupando espaços nos estabelecimentos de sexo da região, as mulheres negras ainda são vistas como “escravas” do prazer (sexuais), mão de obra barata, e carregam os estereótipos de pessoas “exóticas”, segundo a lógica racista.

Retomamos aqui a perspectiva anunciada anteriormente, de construir concepções problematizadoras, críticas em relação ao lazer sexual e seus atravessamentos, como as questões de raça e gênero. Para tanto, propomos um olhar interseccional.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (RIBEIRO, 2016, p. 101).

Ao pensarmos em múltiplos sistemas opressores, percebemos que não devem ser articuladas de forma isolada as questões de raça, gênero e classe (RIBEIRO, 2016). Percebe-se que as mulheres transgênero e travestis, mesmo estando alocadas nas atrações fetichistas, isto não é suficiente para alcançar maiores ganhos pela clientela quanto às mulheres brancas

cisgênero. Reconhecemos que o lazer sexual, sua prática e os locais/estabelecimentos são atravessados pelas relações de gênero, sexualidade, raça e classe, inclusive com violência. Entretanto, Góes ressalta que esses espaços também se configuram como: um espaço de resistência para as mulheres que seriam condenadas a salários baixíssimos devido à intersecção das opressões. Esse tem sido, inclusive, o principal motivo pelo qual estas mulheres procuram a atividade (GÓES, 2017, p. 71).

Destacamos que, durante a pesquisa, notamos a presença de trabalhadoras sexuais de variadas idades, desde mulheres jovens com idade de 18 anos até as mulheres que já possuem 60 anos<sup>19</sup>. Alguns estabelecimentos são chamados (apelidados) como *Sacolão*, *Pastelão*, *Atacadão*, *Esquinão*, referindo-se ao baixo valor cobrado pelo serviço sexual feito por profissionais de idade superior a 40 anos, sendo a presença de mulheres mais experientes uma realidade no Complexo de Diversões Guaicurus na capital mineira.

Durante toda o trabalho, tentamos reconhecer as mulheres que praticam o serviço sexual como trabalhadoras sexuais e profissionais do sexo, porém, alertamos que esta é uma conquista dos movimentos sociais de defesa dos direitos de prostitutas e da proposição de ressignificação da prostituição como um trabalho, e que é a partir de meados da década de 1970, que emergem os termos 'trabalhadores do sexo' ou 'profissionais do sexo' (ROBERTS, 1998).

### **Presença da mulher na comunicação visual**

O processo metodológico foi realizado por meio de uma pesquisa de campo no Complexo de Diversões da Guaicurus no período de setembro de 2019 a abril de 2020. Neste tempo, 38 estabelecimentos destinados ao lazer sexual foram mapeados presencialmente por meio de 10 visitas a campo. Nestas visitas realizamos uma catalogação de 27 peças gráficas de divulgação, todas encontradas nesses estabelecimentos. Em abril de 2020, após realizarmos os registros fotográficos na Guaicurus, para que fossem analisados na dissertação de mestrado (SANTOS, 2021), percebemos que os estabelecimentos que ofertavam serviço sexual também se faziam presentes no ambiente digital. Mesmo não sendo um recorte da pesquisa, constatamos que alguns estabelecimentos possuem perfis em redes sociais como *Instagram*, *TikTok* e *Facebook* com o objetivo de divulgar produtos e serviços.

A forma mais ágil para encontrar esses materiais gráficos digitais foi utilizando o campo

---

<sup>19</sup> Durante a pesquisa em campo conversamos com algumas profissionais que revelaram a sua idade.

de busca de pesquisa do próprio aplicativo e pesquisando as seguintes hashtags<sup>20</sup>: “#guaicurusbh”, “#sobedescebh”, “#baixocentrobh”. A seguir, como exemplo, a peça gráfica digital (imagem 2) foi publicada e encontrada em um perfil no *Instagram* que se destina a divulgação do *Hotel Vitória*, um dos estabelecimentos que compõem a zona boêmia localizada na região central de Belo Horizonte/MG.

Imagem 2 - Banner Hotel Vitória



Fonte: Hotel Vitória. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAbNNZppugC/> Acesso em: 12 set. 2021.

A composição visual deste *banner* possui a silhueta de uma mulher, seguida pelo nome *Hotel Vitória*. Existem três blocos de textos com mensagens a respeito do local, das trabalhadoras sexuais e data de inauguração. No plano de fundo, é possível notar que existe uma manipulação feita por algumas imagens e, é possível também, identificar os corpos de duas mulheres trajadas de biquínis. A modelo que está ao lado esquerdo não tem seu rosto revelado, mas é possível reconhecer e identificar a mulher do outro lado, que é a modelo e *panicat*<sup>21</sup> do extinto Programa Pânico, Juliana Salimeni.

Assim como a atriz Ana Paula Arósio, que, quando atuou como a personagem Hilda Furacão<sup>22</sup>, se tornou símbolo sexual na época, Juliana teve sua imagem retratada de forma equivocada, seja porque posou para capa de revista ou por ser musa fitness. Seu corpo foi objetificado ao ser colocado em um projeto visual destinado à divulgação de lazer sexual.

---

<sup>20</sup> Tags são palavras-chave ou termos associados a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita em aplicativos como o *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*.

<sup>21</sup> *Panicat* é uma mistura das palavras Pânico + *Cat* (Gata em inglês), o nome é dado às mulheres assistentes de palco, geralmente usando biquínis, do programa “Pânico na Tv”.

<sup>22</sup> O romance conta a história de uma jovem socialite, Hilda Maia Valentim, que escandalizou a conservadora sociedade mineira dos anos 50 e 60 ao se transformar em prostituta na conhecida zona boêmia de Belo Horizonte/MG. Como Hilda Furacão, ela contribuiu para desmistificar os tabus sobre serviços do prazer e a promoção sexual na sociedade.

Não foi possível confirmar se essas mulheres retratadas na peça gráfica estavam presentes na inauguração do hotel, e se este seria o motivo pelo qual tiveram suas imagens vinculadas à peça gráfica. Tampouco há indícios de que as imagens utilizadas na peça gráfica foram autorizadas e, muito menos, que as modelos foram devidamente remuneradas pelo uso da imagem, como está previsto na legislação de Direito Autoral - Lei Nº 9.610/98 (SENADO FEDERAL, 1998).

Apesar das dúvidas acerca da origem das imagens e acerca da autorização para uso, é certo que as imagens colocadas no *banner* digital têm o intuito de chamar atenção do público frequentador da Guaicurus. Isso se confirma por serem corpos considerados “perfeitos” tidos como o padrão estético idealizado pela publicidade. Seminus e em poses atraentes, os corpos das modelos são capazes de atrair o olhar do receptor da imagem (SANTOS, 2021) indicando que o elemento corpo deve ser categoria identitária da mulher prostituta. Segundo Luiz Antônio Coelho (2011), as características de brasilidade representadas em imagens estão relacionadas com as aparências das mulheres com suas exterioridades. Para o autor, pessoa e objeto “são equiparados (pessoa que equivale a objeto porque é abordada em sua forma, passível de projeção da realidade externa como qualquer objeto)” (COELHO; 2011, p.157 e 158).

Para discutir as falas das prostitutas, bem como para analisar as peças gráficas, este item aborda bibliografia sobre as seguintes questões, que consideramos que serão úteis: poder e empoderamento.

O poder é uma abordagem presente em diversos fenômenos que permeiam a sociedade, como a prostituição, temática abordada nesse artigo. Portanto, para além do estudo e reflexão é "conveniente elucidar exatamente de que poder estamos falando" (BERTH, 2018, p. 11). De acordo com Berth (2018), a dicotômica compreensão do poder pode ser intuitiva para quem se dedica aos estudo e reflexões (individuais/coletivos):

Mas também é intuitivo para aqueles que apenas sobrevivem às intempéries diárias do sistema de opressão e dominação presentes em suas vidas, pensar no significado de poder sob o viés de algo negativo ou no mínimo, com alto potencial de limitador da mobilidade social e subjuogo aqueles que não o tem (BERTH, 2018, p. 11 e 12).

A escritora, arquiteta e urbanista indica que a definição de poder por Hannah Arendt é compreendida a partir das ações coletivas. Assim, ela destaca que:

[...] O poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido. Quando dizemos que alguém está "no poder", na realidade nos referimos ao fato de que ele foi empossado por um certo número de pessoas para agir em seu nome (ARENDE, 2010, p. 36).



O poder é resultado da capacidade humana, por ação e atuação, não consistindo apenas na operacionalização para os próprios fins, mas no coletivo comum, para compreensão de todos (ARENDR, 2010). De sua natureza, o poder, durante tempos foi conceituado vinculado à violência, a dominação e a força, desviando o entendimento que deveria ser recíproco para o uso do seu próprio "sucesso". Berth (2018) esclarece que:

quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, principalmente, um entendimento sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor" (BERTH, 2018, p. 14).

Reconhecendo a imagem da representação feminina considerada sagrada e objeto de culto, não podemos afirmar que as representações são de atuantes reais do comércio de sexo, se elas se enxergam quando retratadas e se as características condizem com a realidade social e de autoimagem. Sendo assim, consideramos relevante entendermos que a mulher brasileira é, de certa forma, uma marca e, portanto, as suas representações são capazes de demonstrar determinados valores atribuídos à marca mulher brasileira (FORMIGA, 2015, p. 9). Simone Formiga, em sua tese de doutorado sobre o estereótipo da mulher brasileira no imaginário português considera que:

Não é difícil concluir que o estereótipo da mulher brasileira, que habita o imaginário português vem sendo construído e perpetuado desde a época do Brasil Colônia. Podemos, e devemos, considerar algumas mudanças, principalmente em relação à atual posição do Brasil no cenário internacional em termos de economia e visibilidade e às mudanças dos ciclos migratórios. No entanto, ainda nos deparamos com muitos preconceitos em relação à mulher brasileira em Portugal, provenientes, naturalmente, de anos de estigmatização e de estereotipização decorrentes da história da colonização portuguesa no Brasil e dos ciclos migratórios recentes (FORMIGA, 2015, p. 197).

É necessário pontuar esta consideração feita por Formiga (2015), porque Santos (2021) ao realizar uma visita ao Complexo de Diversões Guaicurus em 2020, encontrou também uma única peça gráfica (imagem 1) no estabelecimento de cabines eróticas, é interessante pontuar que ao lado como é possível visualizar a seguir (imagem 3) há a representação da única mulher asiática, em meio a diversas portas com mulheres brancas.

**Imagem 3** – Porta de Cabines Eróticas



Fonte: Arquivo Pessoal, 01/2020.

Acreditamos que a representação da mulher preta e da mulher amarela, isoladas ao fundo de um estabelecimento de sexo, possa ter alguma relação racial. Silvio Luiz de Almeida (2019) constata que o racismo não é um conceito estático, ele está atrelado ao aspecto biológico (ancorado a traços físicos, cor da pele) e à construção étnico-cultural (ligada à origem geográfica, social, religiosa, entre outros).

Compreendemos, então, que o estereótipo da mulher brasileira que habita o imaginário social e que leva a criação de peças gráficas de promoção de serviços sexuais ainda é pautado na hipersexualização, sendo exemplificado pela imagem 2, capaz de alimentar o estereótipo. Santos (2021) ressalta que as peças gráficas encontradas na Guaicurus são solicitadas pelos gerentes responsáveis dos estabelecimentos (nesse grupo percebemos que existem algumas mulheres à frente dos negócios), e muitas vezes produzidas em gráficas rápidas na região do baixo centro de Belo Horizonte. Acreditamos que o estereótipo da mulher brasileira está enraizado no pensamento cultural brasileiro.

Esse ponto também se confirma quando percebemos que há um grande número de mulheres que utilizam as redes sociais para anunciar seus serviços, principalmente depois que o Brasil adotou medidas preventivas e isolamento social, para conter a disseminação do Coronavírus. Como consequência, os estabelecimentos da cidade foram fechados na capital mineira e a paralização dos hotéis de sexo devido a pandemia de COVID-19 influenciou nas atividades das profissionais do sexo (SANTOS; EUGENIO, 2020).

Durante este período, em umas das pesquisas de publicações feitas em redes sociais

utilizando *hashtags* nos deparamos com alguns perfis no *Instagram* que eram utilizados para divulgação de serviço sexual, que naquele momento estaria sendo oferecido no formato remoto (*online*). Diferente das duas representações (imagens 2 e 3) apresentadas anteriormente nas quais trata a nossa análise de peças gráficas, a seguir, a descrição é de uma mulher real que trabalha no Complexo de Diversões Guaicurus e divulgou seu serviço em meio *online* através de um vídeo.

Trata-se de uma publicação feita por um perfil real, o qual manteremos o anonimato. Gravado na vertical a filmagem de baixo para cima revelou a mão e o braço esquerdo, como se estivesse colocado o aparelho de celular no chão. Ao se afastar, percebe-se uma mulher, pele branca, de cabelo grande, liso e loiro, usando um conjunto de lingerie vermelha (calcinha e sutiã) e botas pretas um pouco acima dos joelhos. Ao dançar, a mulher girava seu corpo, revelando além de suas curvas algumas marcas de tatuagens. No que diz respeito ao pequeno ambiente mostrado no vídeo, se tratava de um quarto, uma cama ao lado da mulher, do seu outro lado a parede com uma porta fechada e ao fundo um banheiro, denunciado pela presença de uma porta aberta em que foi possível visualizar uma pia com espelho acima e o que parecia ser uma pequena lixeira branca com um saco preto. A luz acesa, a interferência da iluminação pelo ventilador ligado e a mostra de um colchão não deu dúvidas que se tratava de um quarto/suíte que parecia ser em um motel. O vídeo tem a duração de 19 (dezenove) segundos e a música que a ela dança é *Unstoppable* da cantora Sia. Na legenda, a mulher colocou o seguinte texto: “*Eu amo essa música, tive que fazer outro Tik Tok... Acesse meu site com conteúdos adultos, super discreto, sigilo total! Te faço feliz por 15 minutos. RAINHA do SQUIRTING.*”

A partir da descrição do que foi visto no vídeo, alguns elementos relatados nos levam a reflexão acerca do imaginário social, o que podemos chamar de signos sociais. Segundo José Murilo de Carvalho (1995, p. 11) “o imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias...[e]...por símbolos, alegorias, rituais, mitos”. Um desses signos é identificado claramente no vídeo: a mulher no vídeo usa lingerie vermelha, símbolo de sexualidade e sensualidade. Já ouvimos, em uma conversa informal, durante uma visita ao Complexo, que “calcinha branca é para a mulher casada, a de cor preta para a amante e a vermelha para a puta”. No âmbito do design, temos conhecimento sobre estudos e experimentos relacionados à significação das cores, mas nos questionamos se esse bordão se confirma ou se é mais um estigma ligado à mulher prostituta.

A significação vem sendo atribuída a estigmas de gênero, desestimulando e desmerecendo os corpos das mulheres no trabalho sexual, iniciativas de empoderamento vem sendo debatidos no que diz respeito ao combate dos estereótipos, estigmas e à violência. O

conceito "empoderamento" por Joice Berth é visto como processo individual para promover mudanças estruturais e na percepção crítica sobre a realidade social.

O processo de entendimento e desenvolvimento de cada uma dessas dimensões vai culminar no empoderamento dos sujeitos em simbiose com o empoderamento da coletividade. E esse processo além de necessário é indissociável das lutas por emancipação sociopolítica (BERTH, 2018, p. 86).

Contudo, procuramos entender a partir do tema em questão como grupos de mulheres são lidas e interpretadas na sociedade que ao longo dos anos não combateu e significou as imagens construídas pelas perspectivas sexista, classista, racista e LGBTfóbica (SILVA, 2019).

Para elucidar a reflexão da autodefinição, estamos de acordo com a ideia de Patrícia Hill Collins, que se opõe aos discursos hegemônicos que caracterizam as imagens de controle<sup>23</sup>, a substituição das imagens é autodefinida pelas mulheres inviabilizadas.

Quando essas expressões de consciência individuais são articuladas, discutidas, contestadas e agregadas de maneiras que refletem a heterogeneidade da condição da mulher negra, uma consciência coletiva de grupo, empenhada em resistir à opressão, torna-se possível (COLLINS, 2019, p. 84).

Collins (2019) indica que as imagens de controle são racionalizadas e formuladas a partir das condições da mulher negra em termos ideológicos de poder que ignoram as complexidades de sua existência e suas escolhas de ser. Para desenvolver esse argumento, a autora parte da noção da objetificação da mulher negra: aquela que mantém a condição de subalterna. Essas imagens são carregadas de estereótipos seja na sua construção visual e/ou nas mensagens que são transmitidas.

Nesta perspectiva, bell hooks (2019) ressalta que essas imagens são utilizadas como estratégias por grupos conservadores que privilegiam seus interesses sociais e econômicos, a fim de manter seu controle e poder sobre os indivíduos e grupos marginalizados.

A ausência das mulheres negras e/ou embranquecimento nos meios de divulgação do lazer sexual, sobretudo no contexto do serviço sexual na Guaicurus, confirma que a construção conceitual, ligada à estigmatização e de estereotipização decorrentes da memória histórica social, carrega consigo traços racistas e sexistas. Ainda que a objetificação dos corpos das mulheres estejam presentes com intuito de atração nas peças gráficas, os corpos das mulheres negras são invisibilizados nas divulgações comerciais, como se fosse negado a condição de corpos atrativos, de acordo com os padrões de beleza impostos pela mídia e impedidos de

---

<sup>23</sup> Para Collins (2019) a imagem de controle é a representação específica das mulheres negras que se articula a partir de padrões estabelecidos no interior da cultura ocidental branca eurocêntrica.

desejo.

## CONCLUSÃO

Em diversas temporalidades históricas, as mulheres foram estudadas, descritas e construídas pela narrativa dos homens, sob o olhar da pureza, da maternidade, do amor e dos afazeres domésticos. O outro lado desse imaginário corresponde ao impuro, à margem da sociedade, que são os casos de grupos de mulheres prostitutas, por exemplo.

A participação da trabalhadora do sexo como sujeita presente da e na sociedade, sem a estigmatização ao longo da história social, permite que a percepção de si mesma seja muito mais efetiva do que a compreensão do outro. No caso das mulheres negras, Collins (2019) e Berth (2018) as colocam no centro dos discursos, por serem sujeitas invisibilizadas não apenas como trabalhadoras sexuais na sociedade que as oprime, mas indivíduos que são mantidas em condição de subordinadas. Isso se confirma quando as representações visuais de mulheres pretas são inexistentes nos espaços públicos (ruas e redes sociais).

Por meio da análise da representação das mulheres nas peças gráficas no Complexo de Diversões Guaicurus, percebemos que muitas dessas peças apresentam mulheres que têm seus corpos considerados “perfeitos”, tidos como o padrão estético idealizado pela publicidade, mas ao observar as diversas configurações dos corpos na região isso não se confirma. Seu corpo foi objetificado ao ser colocado em um projeto visual destinado à divulgação de lazer sexual. O estigma e a identidade na prostituição, a partir dos marcadores sociais de gênero, identidade racial e classe sociais, podem ser construídos a partir do autorreconhecimento e autopromoção das sujeitas, de seus saberes, vivências e demandas. As mulheres para exercerem a profissão podem (ou não) seguir tendências do cenário da prostituição, desejar produtos que podem ser atrativos para realização do trabalho como: roupas, maquiagem, acessórios, realizar procedimentos estéticos, cirurgias plásticas ou atender algum tipo de exigência de mercado (e da clientela) para a realização do serviço sexual.

Nosso estudo também, por meio da catalogação de 27 peças gráficas, observou que a representação da mulher negra nas peças de divulgação do sexo na Guaicurus é baixa, tendo em vista o número de declarantes negras e pardas que exercem o trabalho sexual na região. Das mulheres entrevistadas por Góes (2017) 66,45% se autodeclararam negras (pretas e pardas), entretanto, ao realizar dez visitas a campo em diversos estabelecimentos, apenas um único pôster apresentava uma mulher negra. Essa mínima representatividade da mulher negra nesta pesquisa nos possibilita reconhecer que existe um processo de objetificação e de

apagamento das sujeitas, ignorando a sua existência e suas infinitas possibilidades de ser. Esse processo acaba corroborando para manter essas mulheres na condição de subordinadas, subalternas e inferiorizadas. As imagens fabricadas com o intuito de impulsionar o serviço sexual na zona de prostituição são carregadas de estereótipos e estigmas que objetificam os corpos das sujeitas e as transformam em produtos a serem comercializados e consumidos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha C. Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos: conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (sudeste do Brasil, 1890-1920). **Tempo**. Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, v. 16, p.143-174, 2004.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Pólen Livros, 2019.

ANDRADE, Luciana T. D.; TEIXEIRA, Alexandre. E. A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. **Revista Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 11, p. 137-157, 2004.

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2010.

BARRETO, Letícia. C. **Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.

BARRETO, Letícia C.; PRADO, Marco. A. M. Identidade das prostitutas em Belo Horizonte: as representações, as regras e os espaços. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. São João Del-Rei, v. 5, n. 2, p. 193-205, Ago./Dez. 2010.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Editora Letramento, 2018.

BRAGA, José M. F. Prostituição e moral: evangelização libertadora versus pecado social. *In*: ÂNGELO, A. *et al.* **A prostituição em debate**. São Paulo: Editora Paulinas, 1982. Cap.7, p.59-76.

CARVALHO, José M. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.

COELHO, Luiz A. L. Ator e identidade. *In*: BASTOS, Liliana. C.; LOPES, Luiz. P. M. (Orgs). **Estudos de identidades: entre saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2011.

COLLINS, Patricia H. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1. ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

DEBORTOLI, José A. O. Lazer, envelhecimento e participação social. **Licere**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 1-29, Mar. 2012.

- FREITAS, Renan S. **Bordel, bordéis: negociando identidades**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.
- FORMIGA, Simone. **As representações nas vossas cabeças: sobre o estereótipo da mulher brasileira no imaginário português**. 2015. 245 f. Tese (Doutorado em Artes & Design) - Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Portugal, 2015.
- GÓES, Juliana M. D. **Corpo, autonomia e associativismo: a participação das prostitutas da Guaicurus**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- GOMES, Christianne L.; ELIZALDE, Rodrigo. Produção de conhecimentos sobre o lazer na América Latina: desafios e perspectivas. In: ISAYAMA, Hélder. F.; OLIVEIRA, Marcus A. T. D. (Orgs). **Produção de conhecimento em estudos do lazer: paradoxos, limites e possibilidades**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014. 1. ed, v. 1, p. 113-137.
- GUIMARÃES, Katia; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Comercializando fantasias: a representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção da cidadania. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 525-544, Set./Dez. 2005.
- HOOKS, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- MELO, Victor A. **Lazer e minorias sociais**. São Paulo: Editora Ibrasa, 2003.
- MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual: contribuição para uma metodologia didática**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.
- OLIVEIRA, Mônica Q. D. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2008.
- PETRY, Analídia R.; MEYER, Dagmar E. E. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193-198. Jan./Jul. 2011.
- PIMENTEL, Giuliano G. A. Pornolazer na Sociedade Contemporânea. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS DO LAZER, 1 e SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 15. 2014, Belo Horizonte. **Coletânea I Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer - XV Seminário O Lazer em Debate**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014. p. 283-286.
- PRECHET, Beatriz D. N. O imoral escândalo da prostituição de escravas: pensando a prostituição a partir das mulheres negras no Rio de Janeiro. **Revista Transversos**. Rio de Janeiro, v. 20, p. 67-85, Dez. 2020.
- RIBEIRO, Djamilia. Feminismo Negro para um novo marco civilizatório. **SUR Revista Internacional de Direitos Humanos**. São Paulo, v. 13, n. 24, p. 99-104, Dez. 2016.
- RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Editora Zahar. 1993.
- ROBERTS, Nickie. **As prostitutas na história**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.

RODRIGUES, Marlene T. A prostituição no Brasil contemporâneo: um trabalho como outro qualquer? **Revista Katál**. Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 68-76, Jan./Jun. 2009.

SANTOS, Rafael R. **Complexo de diversões Guaicurus**: análise do design em peças gráficas de divulgação do lazer sexual na capital mineira. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

SANTOS, Rafael R.; EUGENIO, Jordania D. O. Do prazer ao deslocamento: as trabalhadoras do sexo durante o início da pandemia de Covid-19 em Belo Horizonte. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL CIENTÍFICO OTIUM, 14 e CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE ESTUDO DE LAZER, ÓCIO E RECREAÇÃO, 2020, Belo Horizonte. **Coletânea XIV Encontro Internacional Científico OTIUM, Congresso Ibero-Americano de Estudo de Lazer, Ócio e Recreação**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2020. p. 373-381.

SCHWARCZ, Lilia M. Uma história de diferenças e desigualdades: as doutrinas raciais do século XIX. *In*: SCHWARCZ, Lilia M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENADO, Jornal D. **Lei nº 3353** - de 13 de maio de 1888. Senado Federal - Secretaria de Informação Legislativa, 2008. Disponível em: [http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/arquivos\\_jornal/arquivosPdf/encarte\\_abolicao.pdf](http://www.senado.gov.br/noticias/jornal/arquivos_jornal/arquivosPdf/encarte_abolicao.pdf). Acesso em: 10 ago. 2020.

SENADO FEDERAL, S. G. D. M. **Direito Autoral, Lei Nº 9.610/98**. Brasília: Senado Federal, 1998. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=9610&ano=1998&ato=02dMTRE1EeNpWT89a>. Acesso em: 14 jun. 2021.

SILVA, Bruna C. S. L.; OLIVEIRA, João F. Z. C. Ideologia Heteronormativa: uma crítica à luz da teoria queer. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE, 4 e ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2. 2016, Vitória. **Anais 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade. 2º Encontro Internacional de Estudos de Gênero**, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. p. 1-16.

SILVA, Bruna G. S. Uma travesti, uma puta e uma preta: as diversas vozes que reivindicam seu espaço na literatura. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DESFAZENDO GÊNERO, 4. 2019, Campina Grande. **Anais IV DESFAZENDO GÊNERO**, Campina Grande: Realize Editora, 2019. p. 1-12.

SILVA, Flávio B. D. **Turismo e lazer sexual na cidade de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

SZTERENFELD, Célia. Prostitutas: de transmissoras à educadoras. *In*: PAIVA, Vera. **Em Tempos de Aids**. 3 ed. São Paulo: Editorial Summus, 1992. p. 193-201.

WINCH, Rafael R.; ESCOBAR, Giane V. Os lugares da mulher negra na publicidade brasileira. **Revista Cadernos de Comunicação**. Santa Maria, v.16, n. 2, p. 227-245. Jul./Dez. 2012.



## NOTA DO AUTOR

### **Declaração de conflito de interesses**

O presente estudo não possui conflitos de interesses.

### **Endereço físico para correspondência**

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627

Campus – Pampulha

Belo Horizonte – MG, CEP: 31270-901.

**Submissão:** 15/08/2023

**Aceite:** 25/11/2023